

---

## CAPÍTULO 3

# DIVERSIDADE E GÊNERO SOCIAL NO PORTUGUÊS

## UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO SUPERLATIVO NA FALA DE HOMENS GAYS

*Rafael de Almeida Arruda Felix  
Angélica Rodrigues*

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É princípio da sociolinguística que língua e sociedade são duas realidades que se inter-relacionam e que são indissociáveis. É justamente por isso que podemos perceber a enorme variabilidade dos fatos linguísticos que configuram a chamada “realidade linguística” de determinada língua. Além disso, no que tange ao atual contexto sociocultural e político do país, vivemos, no Brasil, um momento de intensas discussões e reivindicações pela liberdade sexual juntamente com a busca pela igualdade de direitos dos homossexuais, como a criminalização da homofobia em junho de 2019, após votação no Supremo Tribunal Federal. Como consequência dessas reivindicações, podemos ver uma consolidação cada vez maior da comunidade LGBTI<sup>1</sup> e sua maior atuação e posicionamento na sociedade. Se, por um lado, o aumento dos movimentos em favor dos direitos e do respeito aos homossexuais se justifica pela forte repressão social e cultural de que são vítimas, por outro, percebemos cada vez mais o

---

<sup>1</sup> Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersexuais. Existem muitas outras siglas, mas optamos por utilizar essa por ser a mais frequentemente empregada por órgãos nacionais e internacionais

aparecimento de palavras originalmente utilizadas somente nas comunidades em questão (*bofe, babado, uó*, etc.) no dia a dia de uma parcela significativa de falantes do português do Brasil. Embora o contexto de uso desse vocabulário sociolinguisticamente marcado por parte da população feminina e masculina apresente motivações diversas, a incorporação de palavras próprias do que podemos chamar, a critério de ilustração, de “fala *gay*” nunca se faz sem referência a esse grupo, seja para sinalizar empatia ou marcar identidade de gênero e até mesmo preconceito.

Logo, passa a ser inegável o fato de essa comunidade, assim como sua linguagem já fazerem parte da realidade linguística do português do Brasil. Consequentemente cresce também na academia o interesse em estudar a fala dessa parcela da população, como em Gonçalves (2003) e Mendes (2011, 2012). Esses estudos se desenvolvem na comparação e aproximação entre o falar *gay* e o falar feminino, uma vez que estudam os fatos linguísticos como marcadores de sexo/gênero.

Tendo em vista, portanto, esses contextos, o objetivo deste capítulo é apresentar uma descrição e análise a partir da observação do estereótipo linguístico de *gays*, aventada em outros trabalhos (GONÇALVES, 2003) e depreendida principalmente de personagens midiáticos (TV, cinema e *blogs*), de que o uso de adjetivos com derivação de grau superlativo, quando usado por homens, pode indicar a homossexualidade do falante. Esse fato linguístico não foi aleatoriamente escolhido, uma vez que o uso excessivo de adjetivos com derivação de grau superlativo já faz parte do imaginário do que seria, para uma grande parcela da sociedade, o “falar *gay*”. Ao digitar, por exemplo, “superlativo *gay*” no *site* de buscas *Google*, podemos encontrar, nos dois primeiros resultados, uma lista<sup>2</sup> em que constam dez dicas para descobrir se um homem é *gay* e o primeiro item da lista é o seguinte:

- (1) “Usa superlativo sintético. Homem de verdade não fala ‘isso está chiquérrimo’ ‘estou atrasadíssimo’ ‘que caríssimo’ ‘você está lindérrima’ Se o cara que você quer usa essas expressões, caia fora amiga! Esse pitbull é Lessie!”

Embora o teor do texto seja de humor duvidoso e repleto de preconceitos, fica evidente que o uso de adjetivos com derivação de grau superlativo não é

---

<sup>2</sup> A lista toda pode ser encontrada na página do Facebook chamada Piadorama, disponível em: <<https://www.facebook.com/Piadorama.com.br/posts/290475537779416>>. Acesso em: 13/07/2019

associado à fala de homens que se identificam como heterossexuais, sendo, portanto, associado à fala de homens *gays*.

A fim de oferecer um estudo sistemático desse aspecto frequentemente relacionado à fala *gay*, analisamos amostras de fala de 24 entrevistas sociolinguísticas feitas com homens assumidamente *gays*, visando a conferir a frequência de uso dos adjetivos com derivação de grau superlativo e os possíveis fatores linguísticos e extralinguísticos que poderiam estar associados ao uso dessas formas. Observando nossos resultados preliminares, formulamos a hipótese de que, por se tratar de uma forma linguística fortemente estigmatizada e estereotipada, o uso do superlativo estaria relacionado a questões de identidade e estilo.

Este capítulo está organizado da seguinte forma. Na seção 1, apresentamos os embasamentos teóricos que serviram de base para o desenvolvimento da pesquisa. Na seção 2, apresentamos a metodologia que foi utilizada para coleta e análise dos dados. A seção 3 abarca a descrição e análise dos dados obtidos com as entrevistas, juntamente com o questionamento de como os papéis sociais que se espera que uma pessoa siga podem interferir em sua maneira de falar. Por fim, na seção 4, apresentamos a conclusão de nossa análise e, em seguida, as referências.

## 1 OS ADJETIVOS NO PORTUGUÊS

Castilho (2010, p. 511) afirma que, diferentemente da gramática latina, os gramáticos das línguas românicas passaram a tratar o adjetivo separadamente do substantivo tendo por premissa os seguintes argumentos: (a) o adjetivo aceita derivação de grau, expressa pelos sufixos *-íssimo*, *-érrio*, *-ímo*, por exemplo; por terminações que são vestígios do latim como em “menor”, “melhor”; ou por especificadores e complementadores: [mais Adj do que X], [tão Adj como X], [o mais Adj dos X]; (b) o fato de os adjetivos poderem ser criados por derivação de modo, expressa por [-vel], como em amável; ou a derivação por [-mente], formando advérbios; e ainda a derivação por quantificação expressa por [-oso, -al]. Além desses critérios pautados na morfologia, Castilho (2010) traz outros de cunho sintático para definir a categoria dos adjetivos e destaca que:

são adjetivos as expressões que (i) ocorrem na função atributiva, como constituintes de um sintagma nominal, como em [um livro caro]; (ii) ocorrem na função predicativa, como constituintes de sintagma verbal, como em [o livro é caro]; (iii) podem ser pré-modificados pelo intensificador muito, como em [um livro muito caro]; e finalmente, (iv) podem assumir formas comparativas e superlativas, como em [um livro mais caro que um caderno], [livro caríssimo]. (CASTILHO, 2010. p. 512)

Castilho (2010) mostra que a predicação é um traço relevante para a postulação do estatuto categorial dos adjetivos e os distingue, portanto, como: (a) adjetivos predicativos que predicam o substantivo ou toda uma sentença e que exibem derivação de grau, concordando em gênero e número com o substantivo a que se aplicam (quadros *lindos*. – quadros muito *lindos*; - quadros *lindíssimos*); e (b) adjetivos não predicativos que classificam o referente dos substantivos (*jornal mensal*. - \**jornal muito mensal*; \**jornal mensálíssimo*).

Uma vez que trataremos aqui do uso de adjetivos no superlativo, que correspondem a adjetivos predicativos, passamos a seguir à sua análise.

### 1.1 O superlativo de adjetivos no português

Bechara (2009, p. 148-149) elenca três tipos de gradação na qualidade que o adjetivo expressa: (a) positivo, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade; (b) comparativo, que compara qualidade entre dois ou mais seres estabelecendo uma igualdade; (c) superlativo, que será mais bem detalhado a seguir.

Bechara (2009) divide o superlativo de adjetivos em dois tipos: superlativo relativo e superlativo absoluto. O primeiro ressalta, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres e pode ser realizado através de *o mais/menos...que/do que*. O segundo indica que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade. Este pode ainda ser analítico, quando se acrescenta uma palavra intensiva como *muito*, *extremamente*, etc., ao adjetivo, ou sintético quando se acrescenta os sufixos derivacionais –*íssimo*, –*ésimo*, –*érrimo*.

Aqui tratamos, desde o início, a expressão de grau nos adjetivos como um fenômeno derivacional, enquanto que a gramática tradicional o trata como um fenômeno flexional. Câmara Jr. (2004) discorda da atribuição do grau ao processo de flexão, uma vez que não há obrigatoriedade de se adotar o adjetivo sufixado que expressa o superlativo, que está muito mais relacionado a uma questão de estilo.

Podemos citar a fala de personagens *gays* de televisão que utilizavam muito frequentemente desses afixos como, por exemplo, o Seu Peru, personagem de Orlando Drumond no programa humorístico *Escolinha do professor Raimundo* (1990-1995), que, em um dos episódios, por exemplo, diz o seguinte:

- (2) “Estou *tristíssimo*, teacher, *tristíssimo*. Estou um caco... estou arrasada. É *gravíssimo*, teacher, não sei o que fazer da minha vida”.

Seja com a intenção de ridicularizar ou de dar maior visibilidade para a comunidade, muitos personagens *gays*, como o Seu Peru, já existiram e ainda existem na televisão brasileira. Muitas vezes, porém, esses vêm como uma espécie de caricatura do grupo como um todo. Vale lembrar que a caricatura enfatiza e exagera as características de uma pessoa ou de um grupo, acentuando gestos, vícios e hábitos particulares deles. Ou seja, a caricatura parte sempre da observação de características reais percebidas no indivíduo ou no grupo, o que configuraria mais uma prova da hipótese levantada aqui.

## 2 ESTUDOS PRÉVIOS ACERCA DA FALA DE HOMENS GAYS

Foi Silva (1959) que escreveu o que parece ser o primeiro estudo sociológico que tematizou a homossexualidade na cidade de São Paulo. Embora os interesses de Silva não fossem de cunho linguístico (o pesquisador buscou analisar a formação da identidade da comunidade *gay* na cidade de São Paulo), ele nota, por exemplo, que mesmo que dois indivíduos não se conheçam, mas sejam pertencentes ao mesmo grupo, são capazes de identificar-se por “[...] particularidades de comportamento como gestos, *maneira de falar* ou andar, companhias preferenciais, roupas que usam, fatos, objetos e situações que atraem a atenção” (SILVA, 1959 – grifo nosso). Essa avaliação parece apontar para a percepção da criação de uma possível identidade do grupo *gay*, relacionada à existência de “alguma coisa” no modo de falar do homossexual que marque o “ser *gay*”.

Um estudo da *indexicalidade* desses usos linguísticos já foi feito por Trudgill (1974), Milroy (1980), Bell (1984) e, mais atualmente, por Gonçalves (2003), que buscou estudar a função *indexical* do uso de adjetivos com derivação de grau superlativo.

Segundo Dressler e Kiefer (1990 *apud* GONÇALVES, 2003), a intensificação revela ainda um relacionamento entre Morfologia e Pragmática, já que formas como *chiquérrimo*, *lindíssimo*, *bacanérrimo* servem como indício para o reconhecimento dos propósitos comunicativos do falante frente à audiência.

Gonçalves (2003) afirma, desse modo, que as formas sufixadas em *–íssimo*, *–érrimo* e *–ésimo* têm, além de função semântica e discursiva, a função *indexical* e que, dessa maneira, o falante não só revelaria seu parecer sobre o que diz, como também seria revelado pelas formas que produz, mostrando, através desses processos morfológicos, traços de sua identificação sociocultural. Gonçalves (2003) também mostra que o uso feito por falantes do sexo masculino de adjetivos com

derivação de grau superlativo é, muitas vezes, considerado como uma marca *gay*, *efeminada* de se falar, o que indicaria uma possível marca de gênero e sexualidade na fala dos homens *gays* falantes do português do Brasil. Gonçalves (2003), porém, refere-se ao que chama de “fala *gay*”, com base na fala estereotipada de pessoas com essa característica. Além disso, o autor também faz sua análise priorizando a percepção que homens heterossexuais, que representam um grupo dominante na sociedade, têm acerca da fala de homens *gays*.

O autor adota metodologia controversa para apresentar o que seriam duas supostas evidências de que os sufixos intensivos –íssimo(a), –érrimo(a) e –ésimo(a) são indexados à “fala *gay*”, mesmo que de forma caricaturesca. A primeira é a descrição de uma conversa informal entre homens, tidos como heterossexuais, que, em uma mesa de bar, descreviam o comportamento de um homem *gay* que eles conheciam. Em determinado momento, um deles diz:

- (3) O cara né, gozadão... Nem um pouco discreto... O cara vive soltando a franga. Lá na faculdade, ele vai todo afetado dizendo pras meninas: (mudança de voz com trejeitos) “aí eu cheguei ar-ra-san-do, de salto, chiquésima, elegantíssima, ma-ra-vi-lho-sa” (risos) (GONÇALVES, 2003, p. 54).

Segundo o autor, o rapaz, ao buscar reproduzir a “fala *gay*” desse conhecido, utilizou os sufixos intensificadores –ésimo e –érrimo, o que reforçaria a ideia de que essas podem ser formas específicas da fala desse grupo. A segunda evidência que ele apresenta foi um teste de avaliação/percepção que ele fez com cinco indivíduos do sexo masculino, todos heterossexuais. Foi pedido que eles avaliassem dez enunciados contendo o uso dos sufixos intensificadores, lidos por um homem (sem “traços efeminados”), e por uma mulher. Ele destaca quatro depoimentos, dos quais é relevante destacarmos aqui os seguintes:

- (4) Sinceramente, eu não acho legal um homem falar assim não. Fica muito esquisito. Sabe de uma coisa: fica é ridículo mesmo. Esquisição falar assim meio alongado, mole. Não pega muito bem não.
- (5) Eu não falo assim não. É exagerado demais... será que é tudo tão –érrimo (mudança na qualidade de voz, com alongamento excessivo da tônica) assim? Acho mais legal o *irado*. (GONÇALVES, 2003, p. 55).

Pelos comentários, notamos que o uso de adjetivos com derivação de grau superlativo foi avaliado negativamente pelos participantes da pesquisa, mostrando que são estigmatizadas quando emitidas por um homem, pois pode indexar a homossexualidade do falante. Essas evidências, então, mostram que

há uma imagem, um estereótipo acerca da imagem do homem *gay* no contexto sociocultural no Brasil o que nos leva a buscar se isso, de fato, poderia configurar uma possível marca de gênero na fala dos homens *gays* falantes do português brasileiro.

Ainda que esse experimento possa trazer luz às questões concernentes à nossa análise, consideramos que analisar a fala de homens *gays* a partir da visão de homens que se descrevem como heterossexuais pode levar à caracterização do grupo minoritário com base em seus estereótipos, com apelo à comichidade e com menor respeito. Por mais que eles possam identificar alguns traços comuns da fala de homens que compartilhem a característica de serem *gays*, são sempre estereotipados. Neste trabalho, buscamos, através de entrevistas sociolinguísticas, verificar, como base na fala de homens assumidamente *gays*, se o uso de superlativos sintéticos é próprio da fala desse grupo, levando em conta principalmente a perspectiva dos sujeitos de pesquisa.

### 3 A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

O objetivo da pesquisa Sociolinguística Laboviana é descrever e analisar padrões gerais de uso linguístico numa comunidade de fala. Por consequência, a partir da percepção da relação entre sociedade e língua, a coleta de dados é feita através de entrevistas sociolinguísticas que tentam reproduzir um retrato o mais fiel possível da comunidade de fala.

Como até o momento de constituição de nosso *corpus* não havia ainda nenhum banco de dados da fala de homens *gays* falantes de português no Brasil, houve a necessidade de criarmos tal amostra. Para sua elaboração, foram seguidos os preceitos básicos da Sociolinguística Laboviana. O conjunto de entrevistas representa a fala de indivíduos *gays* do sexo masculino. Por isso, ao contrário das pesquisas sociolinguísticas clássicas, o sexo não é uma variável para a análise. Foram levadas em consideração variáveis sociais que são comprovadamente relevantes para os estudos sociolinguísticos (cf. MOLLICA; BRAGA, 2003), com as quais visamos garantir a representatividade do censo linguístico, e entrevistamos 4 informantes para os 6 perfis sociolinguísticos resultantes das variáveis sociais selecionadas: a) sexualidade/gênero: *gay*; b) faixa etária; c) escolaridade.

No total, tivemos 24 informantes todos oriundos de Ribeirão Preto ou que já habitavam na cidade por mais de 5 anos. As entrevistas tiveram duração prevista de uma hora e os informantes deveriam produzir textos orais, de acordo com os



gêneros discursivos definidos: a) narrativa de experiência pessoal; b) narrativas recontadas; c) texto descritivo; d) relatos de opinião. As entrevistas foram conduzidas de uma maneira bem descontraída e natural, buscando anular, ou pelo menos minimizar, o que Labov (2008) define como o “paradoxo do observador”.

Todas as entrevistas foram transcritas integralmente e, em seguida, fizemos o levantamento de todos os adjetivos que apareceram em cada uma delas para, enfim, fazermos nossa análise da frequência de uso dos adjetivos com derivação de grau superlativo. Feita a seleção dos adjetivos, esses foram codificados de acordo com os grupos de fatores controlados e, em seguida, rodados no *Goldvarb*.

Os grupos de fatores linguísticos controlados foram: a) tipos de sequência textuais: narrativa de experiência, narrativa recontada, descritiva (a respeito de lugares, pessoas e procedimentos) e de opinião, (b) posição do adjetivo; (c) concordância de gênero; (d) concordância de número; e (e) função sintática. Os fatores extralinguísticos controlados, por sua vez, são: a) escolaridade: médio, superior; b) idade: 18 a 30, 31 a 40, acima de 40.

Após a análise piloto, a qual não descreveremos aqui devido à limitação de espaço, decidimos por considerar e codificar somente os adjetivos de grau neutro e superlativo absoluto sintético, para que uma análise mais cuidadosa pudesse ser feita dos adjetivos nessa derivação. Uma vez que tínhamos todos os dados codificados de nossas entrevistas e aquelas do grupo controle, fizemos a rodada no *Goldvarb*, tendo como variável dependente o grau do adjetivo. Essa análise se deu com o intuito de verificar se esse é um dos traços que poderia definir a identidade linguística dos homens *gays* falantes do português.

Todos os informantes gravados assinaram um termo de livre consentimento autorizando que os dados fossem utilizados para pesquisas sociolinguísticas, atendendo, assim, às normas de ética em pesquisa.

## 4 NOSSOS RESULTADOS

Após a seleção e codificação de todos os adjetivos em todas as entrevistas, utilizando o programa *Goldvarb*, chegamos ao resultado de 3170 dados de adjetivos. Desse total, 90,9% (2882 ocorrências) dos adjetivos levantados foram utilizados no grau neutro (sem intensificação) enquanto que 9% (288 ocorrências) dos adjetivos apresentavam derivação de grau superlativo absoluto sintético. Nos exemplos (6-7), podemos ver adjetivos neutros encontrados nas entrevistas, ou seja, adjetivos sem qualquer marca de intensificação:



(6) A experiência de estar num outro lugar, de uma outra cultura foi... foi assim *marcante*. (G1)

(7) Eu sempre gostei de coisas *exotéricas*. (G3)

Já nos adjetivos dos exemplos (8-9), temos ocorrências de adjetivos com derivação de grau superlativo absoluto sintético que, em sua grande maioria (25,7% [74 ocorrências]), apareceram sufixados em “-íssimo(a)”:

(8) Minha mãe ficou super tipo “af L. porque você fica falando com essa pessoa? Aí ó vai processar a gente” minha mãe é *medrosíssima* eu num tenho medo não gata a pessoa não tem dinheiro pra comprar um sabonete... ele era *pobríssimo*. (G2)

(9) É muito legal quando cê tá falando com uma *drag* e de repente ela tem uma voz *grossíssima*. (G2)

Além dos adjetivos sufixados por -íssimo, foram utilizados 7 adjetivos sufixados em -érrimo, o que corresponde a 2,4% do total dos dados de superlativo absoluto sintético, porém nenhum deles foi utilizado com o intuito de descrever alguma coisa, mas sim em resposta para quando perguntamos a eles o que, na fala de um homem, chamaria a atenção para o fato de ele ser *gay*, como nos seguintes exemplos:

(10) Ai isso é massa isso é legal ou o gay tipo nossa isso é *chiquérrimo* entendeu? (G6)

(11) Quando eu ouço alguma coisa desse tipo né *lindérrima* né então assim cê percebe que os bofes da minha família ou os que eu conheço jamais usariam esses termos. (G21)

Também ocorreram 3 adjetivos, correspondentes a 1% do total dos dados de adjetivos superlativados, sufixados em -ésimo, como em:

(12) Eu tenho um amigo [...] ele é todo assim *feminininésima feminininésima*. (G19)

É necessário acrescentar que adjetivos com os sufixos diminutivos (13) e aumentativos (14-15) também foram considerados superlativos absolutos sintéticos, uma vez que também intensificam o valor do adjetivo seja para menos como para mais e representaram, respectivamente, 44% (127 ocorrências) e 7,6% (22 ocorrências) do total dos adjetivos com derivação de grau superlativo:

(13) A minha família sempre foi tipo... *fechadinha*. (G2)

(14) E aí tinha um lugarzinho tipo um quiosque *grandão*. (G3)

(15) Ele tá mais bonito bonita também agora *velhona* cheia das plástica. (G2)

Também foram registrados casos em que o falante utilizou uma palavra intensificadora juntamente com um adjetivo com derivação de grau superlativo absoluto sintético, como em (16-17), porém categorizamos esses casos tomando por base o sufixo, logo, eles estão incluídos na porcentagem de cada sufixo:

(16) Ai ela era *muito novinha* né tinha dezesseis dezessete no máximo. (G4)

(17) A maioria são *muito* tipo *coloridíssimos* e eu não faço coisa muito colorida. (G2)

Além das ocorrências já supracitadas, selecionamos mais 55 dados de adjetivos (19,1%) com a derivação de superlativo absoluto sintético irregular, sendo em todos esses casos o superlativo de “bom” ou “mau”, ótimo e péssimo, respectivamente, como ilustramos em (18-19):

(18) Nós pedimos esse dadinho de tapioca e tava *péssimo péssimo*. (G22)

(19) Eu escolho o que eu vou ver né e tenho ótimos exemplos de filmes que tratam pra uma mídia que também é de massa que passa em lugares públicos. (G21)

A tabela a seguir representa um resumo das ocorrências de adjetivos com derivação de grau superlativo absoluto sintético em nosso *corpus*:

**Tabela 1** - Adjetivos com derivação de grau superlativo absoluto sintético

	<b>Corpus da fala de homens gays</b>	
	Nº	%
Sintéticos irregulares	55	19,1
Sintéticos “-íssimo(a)”	74	25,7
Sintéticos “érrimo(a)”	7	2,4
Sintéticos “ésimo(a)”	3	1
Sintéticos “-ão/-ona”	21	7,3
Sintéticos “inho(a)”	143	49,6
TOTAL sintéticos	288	100

Fonte: Elaboração própria

Considerando o total de adjetivos levantados, 3170, e as ocorrências de grau superlativo absoluto sintético, 288 (9%), uma primeira conclusão da nossa pesquisa é, portanto, que a frequência de uso do superlativo sintético é relativamente baixa, o que pode indicar que, ao contrário do que sugere o estereótipo, *gays* não utilizem tanto adjetivos com derivação de grau superlativo absoluto sintético.

Para complementar nossa análise, ao final de cada entrevista perguntamos aos informantes: “Qual a sua opinião sobre os personagens *gays* que aparecem nas novelas, revistas, enfim, mídias em geral?” Com essa pergunta, pretendíamos verificar o grau de empatia dos falantes com os estereótipos de *gays* e, por consequência, verificar se o falante tinha por intenção se aproximar dele para afirmar sua identidade como *gay* ou se afastar dele para negá-la. As respostas obtidas foram várias, mas, em geral, os informantes concordaram no mesmo ponto: os personagens são afeminados demais. O informante G1, por exemplo, afirma que:

- (20) sempre que trazem o homossexual ele é muito afeminado, né? Nesses programas. Ele é muito afeminado, tem algumas uns jargões.. como se fosse assim... ge..geral né pra todos e eu não acho interessante porque... [...] eu acredito assim que tornar a questão do homossexual uma coisa jocosa ou engraçada ou é... que se possa fazer piada é uma forma de diminuir a situação da pessoa homossexual a uma piada, né? Então não dá credibilidade né? (G1)

Esse informante, portanto, teme que essa visão “afeminada” sobre os *gays* descredibilize suas vozes e as reduza à piada. Logo, para ele, essa representação de homens *gays* é feita de forma negativa, o que poderia motivá-lo a querer escapar desse estereótipo. Vale comentar que, na fala desse informante, não foi encontrado nenhum adjetivo com derivação de grau superlativo absoluto sintético. O informante G2, por sua vez, afirma que:

- (21) muita gente deve achar que é estereotipada eu acho real[...]na real to pouco me fudendo pressas bixas cisgênera que ficam “ai mas eu não sou viado desse jeito” problema é seu gata cê... se fudeu cê podia ter nascido mais legal sabe (G2)

Diferentemente de G1, esse informante avalia negativamente as “bixas cisgêneras” que criticam as representações de homens *gays* afeminados. Aliás, durante toda a entrevista, G2 faz questão de pontuar sua sexualidade. Foi também nessa entrevista que o informante utilizou maior número de adjetivos

com derivação de grau superlativo absoluto sintético, sendo responsável por 19 das ocorrências de um total de 288, ou seja, 6,6% das ocorrências. Se é intenção do falante explicitar sua orientação sexual, parece natural que ele vá utilizar as formas marcadas atreladas a esse grupo mais frequentemente.

Destacamos outras observações feitas pelos informantes porque, a partir delas, podemos discutir a visão do estereótipo *gay*. Ao final da entrevista, inspirados no trabalho de Mendes (2011), perguntamos: “O que chama sua atenção na fala de um homem que faz você questionar o fato de ele ser ou não *gay*?”. As respostas são variadas como: a) um falar mais agudo/anasalado; b) rebuscar excessivo das palavras; c) prolongamento de sílabas; d) maior uso de diminutivos e superlativos; e) conteúdo da fala muito frequentemente relacionado a sexo. Em (d), observamos que o uso do superlativo também é destacado. Quando questionados a respeito do uso desse superlativo e da intensificação em geral, obtivemos respostas, como (22):

- (22) cê perguntou se a gente consegue identificar a fala de gay? eu acho que gay fala tudo no muita principalmente se tiver junto com gay é belíssimo é tudo no superlativo nossa é belíssimo é maravilhoso o hétero pode falar maravilhoso falar incrível o hétero fala ai é incrível gay fala é IN-CRÍ-VEL é muito. (G24)

Por outro lado, a grande maioria fez questão de pontuar que, embora acredite que *gays* utilizem muito os superlativos, a frequência desse uso está atrelada a situações de interação específicas:

- (23) é vai de grupo vai de de não dividindo as gays mas é.. tem o trejeito mais afeminado tem o superlativo tem uma frase um pouco mais extensa uma palavra tipo assim “adooooooooo” sabe tem uns que fazem sabe essa parte tem as gays cool que que usam meme no dia a dia.(G3)
- (24) eu falo algumas coisas que já tão no meu vocabulário que eu falo assim quando eu vi já falei mas eu procuro não fala muito assim mais quando eu tô entre amigos mesmo(G5)

Tais comentários poderiam explicar a baixa frequência do uso de adjetivos no superlativo absoluto sintético, uma vez que a situação de entrevista sociolinguística entrevistador-entrevistado é bastante diferente da situação de fala espontânea de uma pessoa em seu grupo de amigos.

No que concerne à identidade, todos os informantes, mesmo concordando que *gays* falam de determinada maneira, fizeram questão de frisar que existem

vários tipos de *gays*, que podem agir de diversas maneiras. O informante G2, por exemplo, descreve sua insatisfação com uma série norte-americana, pois, segundo ele:

(25) só tem personagem machinho nessas séries se você for reparar não tipo...  
repare... (G2)

Tais afirmações corroboram os estudos mais recentes da Sociolinguística chamados de estudos de terceira onda descritos por Eckert (2012), que buscam analisar as práticas estilísticas como fator crucial para a significação social da variação. Campbell-Kibler *et al* (2001) afirmam que “[e]stilo permeia a linguagem não como um componente ou dimensão, mas como um bloco para construir e perpetuar significados sociais”. <sup>3</sup>(CAMPBELL-KIBLER *et al*, 2001, p. 178, tradução nossa).

Ou seja, para os autores, o próprio estilo é sempre um trabalho em progresso. Os pesquisadores ainda afirmam que “assumir a existência de uma única forma *gay* de se falar homogeneiza a diversidade dentro da comunidade *gay*, apagando ou tratando como não importante para o debate sociolinguístico as várias subculturas que compõem a comunidade *gay*”<sup>4</sup> (CAMPBELL-KIBLER *et al*, 2001, p. 177, tradução nossa).

No português do Brasil, como já demonstrado, o superlativo absoluto sintético é muito fortemente associado ao estereótipo de *gays*, que é o papel do *gay* bastante afeminado. Cumpre destacar que o papel de *gay* afeminado é também muito fortemente reprimido dentro da própria comunidade *gay*, como aponta Nogueira (2011), que, ao analisar cinquenta perfis de homens procurando por sexo com outros homens no *site disponível.com*, afirma que, em sua grande maioria, os perfis explicitam o seu não interesse por *gays* afeminados.

É notório que “ser *gay*” ainda não é completamente aceitável na sociedade, sendo ainda um grupo muito estigmatizado. Almeida (2008) lembra que, socialmente, é desejável que um homem não seja *gay*. Essa hostilidade resultante da manutenção, e propagação, dos estereótipos *gays* como engraçados, promíscuos e superficiais, segundo nossa hipótese, pode ter influenciado a fala dos nossos

---

<sup>3</sup> Style permeates language not as a separate component or dimension but as a building block for creating and perpetuating social meaning. (CAMPBELL-KIBLER *et al*, 2001, p. 178)

<sup>4</sup> the assumption that there is a singular gay way of speaking homogenizes the diversity within the gay community, erasing or at least deeming unimportant to sociolinguistic inquiry the many subcultures comprising the community( CAMPBELL-KIBLER *et al*, 2001, p. 177)

entrevistados. Como exemplificado, os falantes *gays* afirmam saber onde têm a liberdade de ser *gay*. A respeito disso, o informante G24 diz:

- (26) eu acho que a gente num sei se são todos os gays que são assim mas a gente separa muito tipo o lugar que eu posso falar do jeito que eu quiser que eu posso zoar que eu posso brincar e o lugar que eu tenho que segurar meu vocabulário. (G24).

O mesmo informante ainda afirma que, no seu meio de trabalho, evita demonstrar a sua homossexualidade, temendo uma repressão de seus alunos:

- (27) eu dou aula a noite em cursos de informática as vezes eu eu acabo exercendo preconceito porque eu fico com medo de postar alguma coisa e meus alunos verem e de repente isso virá alguma coisa contra mim então as vezes eu fico meio que me protegendo é.. mas num sei talvez essa seja uma forma de preconceito minha né. (G24).

Fica evidente, através dessa fala, que a avaliação social e a frequente repressão aos *gays* influenciam como o ser humano *gay* se coloca no mundo. Ele deve estar sempre vigilante, pois o fato de ele ser *gay* pode inclusive se virar contra ele.

As falas dos informantes podem ser analisadas tendo em vista a Teoria do Design de audiência de Bell (1984), uma vez que os informantes se mostram bastante conscientes com relação ao seu ser e ao seu falar e afirmam moldar o seu comportamento e, conseqüentemente, sua fala dependendo da audiência a que se dirige. Ou seja, os informantes falam claramente a respeito da construção de sua identidade linguística e como ela pode variar de contextos a contextos. É justamente isso que a teoria de Bell (1984) nos permite observar. Os informantes G24 e G14, por exemplo, afirmam buscar um afastamento do seu estilo *gay* quando em contextos de trabalho ou em meio a homens heterossexuais, porém lançam mão desse estilo quando estão com seus amigos também *gays*. O uso de adjetivos superlativos em –íssimo, –érrimo e –ésimo, poderíamos dizer, faria parte desse estilo *gay* de fala.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste capítulo, discutimos a respeito do estereótipo de homem *gay*, lançando uma luz em como essa estereotipia pode afetar a performance social e linguística dos falantes homens que compartilham, ou não, a característica de serem *gays*.

Mostramos que, como se esperava, não são todos os adjetivos utilizados por homens *gays* que aparecem nessa derivação. Poderíamos dizer que os resultados obtidos por esta análise, mesmo contando com uma quantidade de dados bastante robusta, não nos permitem afirmar que o uso do superlativo absoluto sintético tenha se mostrado uma característica da fala de homens *gays* na dimensão que sugerem os estereótipos ou as afirmações feitas em Gonçalves (2003), por exemplo.

Não podemos deixar de levar em conta também o fato de que o uso do superlativo na fala *gay* representa um estereótipo que, certamente, teve impacto na sua produção por parte dos informantes *gays*, uma vez que a comunidade LGBTI ainda sofre uma forte repressão pela sociedade.

Todavia, este texto, certamente, não esgota as possibilidades de análise e discussões sociolinguísticas acerca da fala *gay* e inclusive apontamos para a necessidade de análise da fala de *gay* por outras perspectivas e a partir de diferentes técnicas de coleta de dados. O que fica da nossa reflexão é que a desconstrução de estereótipos, ainda que não seja uma prerrogativa da sociolinguística, pode ser fundamentada em pesquisas como a apresentada aqui na medida em que nos permite discutir, à luz de dados empíricos, a validade de afirmações genéricas e superficiais acerca de um grupo socialmente estigmatizado por identidade de gênero e sexualidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar de. *Gosto se discute?* análise de perfis de um site de relacionamento gay. Monografia (Bacharelado em Português) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

BELL, Allan. Language style as audience design. *Language in society*, v. 13, p. 145-204, 1984.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.



CAMPBELL-KIBLER *et al.* Sharing resources and indexing meanings in the production of gay styles. In: *Language and Sexuality: Contesting Meaning in Theory and Practice*. Stanford, CA: CSLI Publications, 2001: 175-189.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

ECKERT, Penelope. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. *Annual Review of Anthropology*. 41. 87-100. 10.1146/annurev-anthro-092611-145828, 2012.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. A função indexical das formações X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo no português do Brasil. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 47-59, 2003.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDES, Ronald. Beline. Gênero/sexo, Variação Linguística e Intolerância. In: Diana Luz Pessoa de Barros. (Org.). *Preconceito e Intolerância: reflexões linguístico discursivas*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

MENDES, Ronald. Beline. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. *Revista linguística* / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 8, número 1, junho de 2012. ISSN 1808-835X 1.[<http://www.letas.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>].

MILROY, Lesley. *Language and Social Networks*. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NOGUEIRA, Gilmaro. *Ânus rebeldes – gêneros normativos*. In: *VII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 2011, Salvador, Bahia. Disponível em: <<http://politicasdocus.com/index.php/downloads/category/1-artigos?download=30:anus-rebeldes-genero-normativos&start=20>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

PIADORAMA. *Como reconhecer um gay*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Piadorama.com.br/posts/290475537779416/>>. Acesso em: 13 jul. 2019. SILVA, José Fábio Barbosa da. Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo. *Sociologia*, v. 21, n.4, p. 350-60, out. 1959.

TRUDGILL, Peter. *The social stratification of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

